



Coleção de Literatura
Brasileira

AS MINAS DE PRATA

SEGUNDA PARTE

I - Quando as uvas são mais saborosas que os beijos.

Palos é uma pequena cidade da Espanha, sobre o Atlântico, na embocadura do Tinto. Se nasceste nas plagas da América, esta *magna parem* dos rios gigantes, das montanhas titânicas e das florestas seculares; se a aurora da vida foi para ti iluminada pelas esplêndidas magnificências do sol tropical; vem, irmão, ajoelha nesta plaga estrangeira! Foi aqui o berço primeiro da civilização para a tua pátria americana.

Deste pequeno porto, aos 3 de agosto de 1492 se partiu Cristóvão Colombo, rumo do desconhecido. Levava três navios apenas; mas levava-o a ele seu gênio. Errou setenta dias, devassando a imensidade dos mares,

lutando contra o poder dos elementos conspirados e a maldade dos homens descrentes.

Deus o tinha sagrado ao martírio da glória.

Aos 12 de outubro de 1492 dava Colombo um mundo ao mundo.

Mais de três séculos depois, na mesma data 12 de outubro de 1822, devia outro herói, D. Pedro I, dar um império à América.

Essas duas datas memoráveis se olham na história do Novo Mundo, como acaso se contemplariam de longe as estátuas colossais dos dois heróis, eretas sobre gigantesco pedestal, a norte e sul do vasto continente americano.

Vês tu, além, sobre o painel erigido da pequena cidade, aquelas ruínas monumentais, que veste a recente fábrica, qual sudário a cobrir um esqueleto carcomido pelos vermes? É o antigo Convento da *Rapita*, aonde retirou-se Cristóvão Colombo, miserável na opulência do seu gênio,

rebotalho da incredulidade, tragando escárnio e fel. Aí amparado pela fortaleza d'alma e pela fé robusta em sua ideia, esperava.

Esperava, sim, que houvesse rei de alguma nesga estéril de terra europeia para se dignar de aceitar o mundo que ele andava oferecendo em vão!

Oito anos esperou.

Já o tinham repellido Gênova, sua pátria, e Portugal, a moderna Fenícia. Espanha o acolhera friamente, e mais por espírito de rivalidade. Tarde, e só quando viu o leopardo inglês estirar sobre as futuras Índias Ocidentais as garras que depois fisgaram as orientais, resolveu ela aceitar de má vontade a mais suntuosa conquista, que povo algum já realizou.

Depois do convento dilatam-se as veigas e os vales amenos que aformoseiam essa parte da Espanha.

Vamos pelas margens pitorescas do Tinto,

que desce dos cimos de *Sierra Morena* regando os frondosos vinhedos. De espaço a espaço entre as cortinas das parreiras assomam os alvos casais e as granjearias: a vida ali é calma e serena como a correnteza do rio, onde se espelha o céu azul da formosa Andaluzia.

Em um dos casalinhos que bordavam a margem esquerda, vivia em 1595 um pobre vinhateiro. Ramon era descendente de uma família de escudeiros nobres; mas preferira a vida independente e tranquila do campo; tinha pouca família, mulher e filha, nenhuma ambição. A jeira de terra, que herdara, bastava à modesta subsistência; e nos bons anos lá entravam para o modesto mealheiro alguns reais destinados ao dote de D. Dulce.

Era Dulcita uma formosa menina de quinze anos, pura flor andaluza: olhos grandes, de negro aveludado, olhos de gazela; o lábio vermelho como os bagos doces das romãs de

Granada; na tez a rósea pubescência dos pêssegos de Almeria; o porte de sultana, e a trança opulenta como a crina virgem do corcel árabe.

O relancear de uns lindos olhos que vos raptam os espíritos e os enleiam num contínuo viver e desviver; os tentadores *olhos furtados*, como lhes chamou Camões, feiticeiro requebro que os castelhanos dizem melhor com uma só e breve palavra, *ojejar*; esse condão, ninguém o teve jamais, como ela o tinha. Na sua pálpebra rosada, como na fímbria do oriente, fazia-se o dia e a noite; havia ali para a alma de quem a adorava, auroras resplandecentes e suaves crepúsculos.

Se Djezir, o mavioso poeta árabe, a vira sorrir, acreditara que as mais finas pérolas de Ofir rolavam entre cascatas de rubins de Golconda; ou que todas as rosas odoríferas de Gulistan se desfolhavam em cascatas dos

lábios da huri mais mimosa do profeta. Como as princesas encantadas das *Mil e Uma Noites*, Dulcita esperava o seu príncipe andante. Ele veio a propósito, disfarçado em moço de almocreve. O incógnito por certo pudera ser mais gentil.

Isso foi por uma bela tarde dos últimos dias de abril, tépida e perfumada, como são as tardes da primavera sob o céu da Andaluzia, nos vales ensombrados de laranjeiras em flor. A brisa suspirava a medo, o rio lambia as margens, como lambe o cordeiro os brancos velos da ovelha adormecida. Um rouxinol preludiava a canção maviosa no espesso e florido rosal. Longe tinia o som argentino de uma campainha, que tangia o passo tardo das mulas de carga trilhando caminho da cidade.

Dulcita, retirada a um canto do pomar, à beira do rio, dava os últimos pontos a uma linda mantilha que destinara à função da maia.

Enquanto as agulhas ligeiras passavam e repassavam cerrando as estreitas malhas do